

Planalto já começa a denunciar retaliação

O Governo brasileiro já está começando a sentir os primeiros sintomas de retaliações advindas do mercado financeiro internacional, em resposta à sua decisão de suspender, temporariamente, o pagamento dos juros da dívida externa. No domingo à noite, durante jantar que ofereceu no Palácio da Alvorada ao presidente da República Federal da Alemanha, Richard Weizsacker, José Sarney fez um alerta. Disse que o Brasil está sendo alvo de uma campanha de isolamento internacional, patrocinada pelos credores estrangeiros, e que essa atitude pode ser contraproducente para todos. Para o Presidente, esse isolamento poderá repercutir também internamente, gerando instabilidade política no País.

Esse mesmo alerta foi estendido também ao ex-senador norte-americano, Gary Hart, do Partido Democrata, candidato à sucessão do presidente dos EUA, Ronald Reagan, nas próximas eleições presidenciais, previstas para novembro do ano que vem. Durante audiência no Palácio do Planalto, José Sarney fez uma exposição detalhada sobre a atual situação econômica do País, argumentando sobre as razões que o levaram a decretar moratória. O presidente Sarney lamentou que o Brasil, que lidera uma lista

dos cinco maiores devedores do mundo, é o único país que ainda não concretizou as negociações para a rolagem de sua dívida e encontra-se sem perspectivas concretas de obter linhas de crédito a curto prazo para manter seus programas de investimentos.

Agora a incompreensão que o Governo brasileiro tem sentido junto aos países e às instituições financeiras privadas, quanto à concretização das renegociações de dívida externa, o Presidente José Sarney também está sentindo um isolamento interno. Segundo fontes do Palácio do Planalto, o Chefe de Estado esperava contar com um apoio efetivo de vários segmentos políticos, especialmente o seu partido, o PMDB, que sempre desfraldou a bandeira da moratória como solução para a vida econômica do País. Desde que decretou a suspensão do pagamento dos juros da dívida, extinguindo a sangria de divisas para o exterior, o presidente José Sarney não tem recebido sinais de apoio político à medida.

MAIS COMPREENSÃO

Na conversa privada que teve com o presidente da República Federal da Alemanha, Richard Weizsacker, no Palácio da Alvorada, Sarney voltou a defender um tratamento político

para a questão da rolagem da dívida brasileira. Na condição de maior investidor da Europa no Brasil, o presidente alemão ouviu de Sarney que se os países endividados não tiverem compreensão dos países credores não haverá condições razoáveis para que os compromissos sejam honrados.

Fazendo um paralelo entre o Brasil e a República Federal da Alemanha, lembrou que logo após o término da 1ª Guerra Mundial, os alemães foram obrigados a pagar 2,8% do PIB como reparação de guerra, o que foi considerado absurdo na época. Atualmente, os encargos da dívida brasileira somam 5% do PIB, quase o dobro cobrado aos alemães, o que inviabiliza a reorganização da vida econômica do Brasil.

Dentre os cinco maiores devedores do mundo, o Brasil, com uma dívida orçada em 111 bilhões de dólares, é o único que ainda não recebeu uma sinalização dos credores para a renegociação dos débitos. O México, que deve 107 bilhões, já concluiu a negociação com o Fundo Monetário Internacional, e aguarda a entrada de dinheiro novo. A Argentina, com 52 bilhões de dólares, a Venezuela, com 35 bilhões de dólares, e as Filipinas, com 28 bilhões de dólares, também encontram-se em situação semelhante.